

A LITERATURA DE CORDEL COMO INSTRUMENTO EDUCATIVO DO PIBID

Donizete Emanuel de Couto Rodrigues (1); Auricélia Lopes Pereira (2); Thiago Acácio Raposo (3)

(1) *Universidade Estadual da Paraíba – Bolsista PIBID/Capes, E-mail: donizeteemanoel@hotmail.com* (2) *Universidade Estadual da Paraíba – Docente, auricelialpereira@hotmail.com;* (3) *EEEF Senador Humberto Lucena – Professor Supervisor PIBID, thiagoraposo20@gmail.com.*

Resumo: Neste artigo é discutida a importância da literatura de cordel como meio de relevância cultural, social, histórico e até mesmo didático no âmbito das salas de aula. É trabalhada o prestígio do cordel como opção para o professor, em especial o de História, fugir do método de ensino tradicional e aderir a inovações inseridas no cenário escolar. É abordada também a influência dessa literatura através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de História/UEPB, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Senador Humberto Lucena, localizada no bairro do Novo Cruzeiro, Campina Grande - PB, nas turmas do 9º ano A e 9º ano B. Desse modo, a experiência desenvolvida no processo de ensino-aprendizagem da referida escola fez uso desse tipo de literatura através do PIBID, para trabalhar os aspectos do regionalismo, bem como dos movimentos sociais que assolaram a Primeira República, especialmente no Nordeste, a exemplo do cangaço. Dessa maneira, o uso da literatura de cordel também abriu espaço para o desenvolvimento da criatividade do alunado, trabalhando, além dos cordéis já prontos, com a confecção de novos e o desenho de xilogravuras a partir de temas previamente propostos; no nosso, caso o cangaço. Diante dessa proposta, os resultados foram satisfatórios, se não é que podemos dizer surpreendentes. Defronte de todo esse cenário houve um diálogo com a perspectiva de Michel Foucault, colocando sua relação poder/saber, relação essa responsável pela produção da subjetividade contemporânea. Foi amparado por esse referencial teórico e buscando a análise de toda essa perspectiva que o trabalho se desenvolveu.

Palavras-chave: Cordel, PIBID, Ensino, Foucault, Inovador.

1- INTRODUÇÃO

Dentro dos muros das escolas brasileiras, muitas vezes comparadas a presídios, o alunado encontra-se saturado das monótonas aulas que vários professores “jogam” nas salas, sem considerar as particularidades de cada aluno e de cada turma. Levando em consideração esta situação, existe mais do que nunca a necessidade de inovar as práticas de ensino, visando uma melhoria na aprendizagem de nossos jovens.

Buscando essa contribuição foi desenvolvido por intermédio do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), nas turmas do 9º ano A e do 9º ano B da Escola Estadual do Ensino Fundamental Humberto Lucena, localizada no bairro do Novo Cruzeiro na cidade de Campina Grande, atividades que mostraram a força do inovador, nesse caso da literatura de cordel. Dentro dessa proposta de inovação, revelando ao alunado que esta literatura, além de divertido, pode ser trabalhado como um método de ensino e de pesquisa.

Incluso nessa perspectiva é inevitável não remeter a Michel Foucault e seu diálogo entre saber e poder, e os tipos de dominação que o poder possibilita. Dentro de uma perspectiva de uma sociedade com meios comunicativos como era o cordel em sua gênese aqui no Brasil isso se torna evidente, já que quem domina o saber da leitura, dialoga com as vias do poder.

Dentro desse diálogo de perspectiva do cordel foi levado à literatura para sala de aula, de início foi apresentado ao alunado o histórico da literatura de cordel dentro da Europa no primeiro momento e sua conseqüente chegada em terras brasileiras, onde este ganhou características particulares. Com os alunos situados sobre os folhetos e com o conhecimento necessário sobre o nosso tema principal, o cangaço, foi então o momento de colocá-los no campo da prática, e o resultado é descrito nas próximas linhas.

2- PERCURSO HISTORICO

A literatura de cordel tem, no histórico do seu surgimento até a chegada e difusão por terras brasileiras, um caminho um tanto quanto complexo; isso acaba tornando o cordel ainda mais chamativo.

Originalmente o cordel surgiu em alguns países europeus, mas não há consenso quanto ao período exato de surgimento dessa arte. Alguns textos atentam que a origem aconteceu por volta do século XIII e que foram trazidos pelos ibéricos para as Américas em torno do século XVIII, chegando, pois, ao Brasil nesse período. Porém, Fonseca dos Santos faz uma importante ressalva sobre o primeiro cordel genuinamente brasileiro:

Contudo, o primeiro folheto brasileiro, encontrado por Orígenes Lessa, é datado de 1865 e foi publicado no Recife. Escrito sobre o modelo de testamentos de animais, tão apreciados pela literatura de cordel portuguesa, ele contém alusões a acontecimentos da vida pernambucana que comprovam sua escritura brasileira. A partir de 1893, a literatura de folhetos constitui, aos poucos, um conjunto complexo e independente do sistema literário institucionalizado com seus poetas e suas editoras que, até os anos 1960, pertencem frequentemente a poetas. Esta literatura tem suas próprias redes de comercialização (os mascates), sendo vendida nas feiras, nas estações ferroviárias e rodoviárias, e até nas ruas. (Fonseca dos Santos, 1999).

Os folhetos mesclados com a oralidade dos diversos ramos de cantadores e violeiros passaram por uma “sacudida” cultural, o que deu a essa forma de literatura um caráter único e que se tornou sua marca desde então.

A literatura de cordel acaba se desenvolvendo no Nordeste em uma época de muita fome e miséria, em meio a secas castigantes, onde o sertanejo sofrido poucas alternativas tinha para sobreviver, o governo escarnava os pobres e os meios de sobrevivência que estes possuíam eram mínimos. Diante de um ambiente onde não viviam, mas sim sobreviviam a sociedade nordestina não possuía muitas possibilidades.

Consequência desse contexto social é uma sociedade majoritariamente analfabeta ou semianalfabeta, sociedade essa onde a leitura era algo raro, segundo NOGUEIRA (2009) no começo do século XX, 70% da população acima de 15 anos era analfabeta, isso acaba proporcionando uma relação de poder onde os detentores deste são os que possuem o saber da leitura e da escrita, sobre isso diz Raposo:

Atentos para a importância social dos poetas que eram considerados por suas comunidades enquanto representantes dos interesses e opiniões destes, cujas falas eram consideradas como condutora da verdade. Em uma sociedade onde a maioria da população era analfabeta ou semianalfabeta, o saber se apresentava enquanto um lugar de poder, parafraseando Michael Foucault (1984). (RAPOSO, 2015, p. 17).

As vantagens da literatura de cordel e que permitiram seu caráter popular e sua difusão pelas variadas camadas sociais foram, principalmente seu custo baixo. Tínhamos naquele momento uma sociedade com pouco ou nenhum poder aquisitivo. Mediante isso, os letrados eram suportados por leituras com custo razoavelmente baixo e essa característica do cordel ainda hoje é motivo para sua difusão e é um dos pontos que torna esse tipo de literatura favorita do professor.

Para, além disso, o cordel também tinha seu caráter divertido e de textos pequenos, boa parte do público que o cordel cobria eram de pessoas que não tinham contato com a leitura. Por isso, textos pequenos e com caráter divertido eram os seus favoritos, lendas, romances, movimentos da época e vários outros temas eram retratados pela literatura de cordel e ainda o é, isso traz o leitor/expectador para perto, já que retrata ali a realidade local foleada naquelas páginas.

Vale aqui, fazer uma importante ressalva: Atualmente falar de cordel é de imediato relacioná-lo com as xilogravuras (xilogravura é composta por *xilon*, do grego, e por *grafó*, também do grego, *xilon* significa madeira e *grafó* significa gravar ou escrever. Xilogravura é um processo de impressão com o uso de um carimbo de madeira). Entretanto a xilogravura nem sempre acompanhou o cordel, de início os cordelistas e o público em geral achava a xilogravura uma representação feia que não atribui ao cordel. Por muito tempo, os autores faziam uso de capas cegas e algumas fotografias, essa associação xilogravura com cordel é um tanto quanto mais recente.

Mediante uma população que, em sua maioria, sobrevivia em uma região que concentrava até então grande parte da pobreza do país, o cordel era uma forma de ter

conhecimento de tudo que acontecia ao seu redor. Uma característica peculiar da literatura de cordel é que ela pode ser lida em público, permitindo assim manifestações da oralidade e sua estrutura permite isso, sua recitação fica mais eloquente quando o leitor está diante de uma plateia. Sendo assim, o cordel acaba ganhando esse caráter de jornal dos pobres, já que os seus escritores retratavam em seus versos além de fatos do cotidiano e tudo que já discutimos, lendas, notícias que os jornais da época noticiavam. Devemos atentar para o fato de que apenas uma pequena parte da população tinha acesso à leitura e escrita, sendo assim esse cordelista era também o leitor do jornal, reescrevendo as notícias em forma de rimas e possibilitando, assim, o acesso de informações a um público muito mais amplo.

A literatura de cordel acabou se tornando uma forma do interiorano, que sempre foi excomungado de oportunidades, almejar algo a mais e:

Contrariando até mesmo os mais pessimistas o Cordel e os cordelistas evoluíram junto com a aplicação dos conhecimentos científicos a serviço dos antigos folhetos, cordelistas anteriormente semi-analfabetos hoje, já são doutores, e as fronteiras do preconceito com essa arte, muitas vezes classificada com subliteratura ou literatura de incultos rompeu-se (NOGUEIRA, 2005, p. 7).

Dentre os principais cordelistas brasileiros é impossível não remeter a Leandro Gomes de Barros, o paraibano pombalense que nasceu ainda no século XIX, por arte do destino no ano em que foi datado o primeiro cordel genuinamente brasileiro, em 1865. Leandro acabou ganhando notoriedade no cenário da literatura de cordel. De acordo com RAPOSO:

Segundo Atila de Almeida e José Alves Sobrinho (1978), Leandro nascera e crescera em meio a uma ebulição artística e cultural, marcado pela presença dos cantadores e glosadores. Aderaldo Luciano afirma que Leandro não foi o primeiro a transcrever os versos cantados pelos violeiros, cabendo isso a Pirauá, mas foi o primeiro a sistematizar essa literatura, dando um aspecto de singularidade para com as produções anteriores e com a própria produção lusa. (RAPOSO, 2015, p. 18).

Admiradores e pessoas que fazem uso da literatura de cordel devem muito a Leandro Gomes de Barros, sem o qual a literatura desse modo de escrita talvez não tivesse ganhado a repercussão que alcançou. Atualmente o cordel vem resistindo às intempéries que lhe são impostas e o medo que se tinha outrora – de que o cordel se perdesse enquanto forma cultural - vem sendo superado, de modo que:

Quanto às ideias, Pedro Ribeiro considera que “a sofisticação do cordel”, denunciada por alguns estudiosos, ocorre, em pequenos casos, porque já

existem cantadores populares nos bancos das universidades. “Ninguém pode negar a influência da cultura moderna sobre o cordel, sobretudo depois que muitos repentistas chegaram à universidade, o que quer dizer repentistas-doutores.” Mas em que pese esta influência, a autenticidade do cordel ainda prevalece, tanto que 90% dos repentistas não conhecem os bancos escolares” (PEREGRINO, 1984, p. 119).

3- METODOLOGIAS EM SALA DE AULA

Os termos “escola”, “aula”, “leitura” são antipáticos à maioria do alunado brasileiro, de modo que existe uma verdadeira aversão a essas palavras. Essa visão é construída, em partes, pelo modo que a maioria dos professores que, já desgastados pelos anos de ensino não procuram remeter sua docência a inovação, optam por métodos tradicionais que somente o satisfazem e não contentam seus alunos, consistindo em uma predominância nas escolas brasileiras de um ensino tradicional, procedendo assim:

Um dos vilões do ensino de História parece ser “o método tradicional”, termo usual entre docentes e pesquisadores do ensino, embora pouco explicitado e definido concretamente. Pode-se entender o método tradicional -que tem sido criticado desde o fim do século XIX, segundo o que apresentamos anteriormente- como aquele que conduz o aluno a simplesmente aprender de cor os conteúdos (BITTENCOURT, 2011, p. 61).

Mesmo a década de 1980 sendo marcada por um intenso debate contra o método tradicional e acontecendo avanços quanto aos métodos inovadores, até então uma gama de professores das diversas esferas de ensino ainda são adeptos de um ensino com a tríplice relação: pincel, professor, livro.

Importante ressaltar que existe a necessidade do uso do livro, do pincel, do livro didático, mas não só deles. De todo o conjunto de opções que o professor tem ao seu redor, especialmente na atualidade, onde boa parte dos centros de ensino dispõem de televisões, Data Show, som e outros dispositivos, possibilitando assim opções para que o professor possa variar seus métodos.

Um dos principais problemas do método tradicional é trazer para o aluno um conteúdo já pronto, de modo que o aluno não forme um pensamento crítico sobre aquele fato e ainda pior, que o aluno não produza, não analise e não questione, apenas receba. Sobre isso Cordeiro afirma:

Ele [o método tradicional] é fundado numa relação professor-aluno autoritária, que por sua vez está inserida numa hierarquia de saber mais ampla que vai desde a universidade (local por excelência da produção de conhecimento), passando pelo livro didático e pelo professor de 1º e 2º graus, até chegar ao aluno, mero receptor de um conhecimento que aparece para ele já pronto e acabado (CORDEIRO, 2000, p. 60).

4- O USO DO CORDEL EM SALA DE AULA

Ensinar história é um processo muito prazeroso, principalmente em turmas do ensino fundamental, desde que seja despertado nestas turmas, o interesse através da diversidade de abordagens.

Sabemos que trabalhar a leitura em sala de aula não é algo tão fácil já que o educando brasileiro acabou criando certa desavença com os livros, todavia tudo pode ser possível desde que saibamos fazer uso. Aqui, decidimos trabalhar com o cordel por uma questão de regionalismo, podendo provocar certa identificação com os docentes e discentes.

Apesar do regionalismo, outras propostas colocam o cordel no rol dos métodos de excelência na sala de aula, mas quais? A resposta é simples, pelas várias vantagens que esse método nos traz; aos professores é um material de baixo custo; aos alunos é uma leitura engenhosa e que pode despertar neles a criatividade; é uma proposta que traz para a sala de aula uma das maiores e melhores literaturas do mundo, além de ser genuinamente nordestina e de retratar a realidade social desta região e não só dela.

Diante das discussões sobre a Primeira República em sala de aula de ambas as turmas do 9º ano, tanto o A como o B, foi debatido o papel de destaque dos movimentos sociais, em especial, como movimento legitimamente nordestino o cangaço trabalhando com o alunado as varias figuras que esse movimento remete, como Jesuino Brilhante, Antonio Silvino e, como não poderia deixar de ser, a do cangaceiro que ganhou maior publicidade, podemos dizer assim, evidente que estamos nos referindo a figura de Lampião. Este, apesar de não ter sido o primeiro e nem um ultimo a possuir um bando famoso, ganhou notoriedade maior que os demais até mesmo nos folhetos de cordel. Afirma Nemer diz sobre isso:

Lampião, bandido celebre que durante vinte anos desafiou as forças da polícia assegurando sua dominação sobre uma vasta zona do território nacional e sua população, se inscreve nessa tradição. Ele é o herói de inúmeros folhetos de cordel que testemunham sua singularidade, sua ambivalência, sua dualidade profunda. Anjo e diabo, bom e cruel, vítima do destino e assassino por prazer, o cangaceiro é objeto de múltiplas representações (NEMER 2005, p. 11-12).

Todavia essa discussão da representatividade do cangaço no cordel ficou para outro momento, sendo discutido nas aulas os elementos que simbolizavam o genuíno cangaço. De antemão, foi apresentado aos alunos todo o histórico da forma da literatura de cordel e suas principais características, de forma que situassem os alunos sobre o material que estavam trabalhando.

Mediante a apresentação foram disponibilizados aos alunos cordéis sobre o tema proposto de variados autores, como por exemplo, Antonio Costa, Medeiros Braga, José Lacerda e outros. Lidos os cordéis, os alunos partiram para a elaboração dos cordéis de sua autoria. Muitos, inclusive, com xilogravuras nas capas e com um conteúdo surpreendente por dentro.

Souberam elaborar versos que traziam consigo os principais elementos do que foi trabalhado com eles em sala de aula e levando os elementos que compunham o cangaço naquele momento, a exemplo desta estrofe, feito pela aluna Fabíola Aquino, da turma do 9º ano B da Escola Estadual do Ensino Fundamental Humberto Lucena da cidade de Campina Grande.

Enquanto no “mei” do mundo
Lampião matava pra viver
Queria mandar no nordeste
Ia prestar, pode crê
Lutou pela vida dos pobres
Matava rico pra viver

5- CONCLUSÃO

Vale destacar que o trabalho com o cordel em sala de aula traz para o alunado e até mesmo para nós professores uma valorização ainda maior da literatura que tem como marca o Nordeste. Os próprios alunos passam a valorizar e a se sensibilizar cada vez mais pelas narrativas poéticas produzidas por uma nação não só nordestina, mas também brasileira.

De feitiço geral, não há como negar que os resultados foram proveitosos quanto ao trabalho do cordel em sala de aula, satisfez alunos e professores e de quebra ainda mostrou a capacidade que os primeiros têm de produzir. De todo esse projeto fica a lição de uma busca incessante que nós, atuais ou futuros profissionais da sala de aula devemos ter, pelo prazer de nosso alunado, sempre buscar uma forma de ensinar que seja prazerosa e sabendo que isso é algo possível.

Afinal quem assume o papel de professor sabe antes de tudo que será um semeador, e para que a colheita seja farta o solo deve ser fecundo. Quer seja o cordel ou qualquer outro método de ensino, mas que fique para a aprendizagem para o nosso maior bem, o aluno.

6- REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História Fundamentos e Métodos**. 4ª ed. São Paulo; Editora Cortez, 2011.

CORDEIRO, Jaime. **A História no centro do debate: as propostas de renovação do ensino de História nas décadas de setenta e oitenta**. Araraquara: FCL/Laboratório Editorial/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2000.

FONSECA, Santos Idelette Muzart dos. Professora da Université de Paris X -Nanterre. **Palestra feita pela autora no Instituto de Estudos Avançados da USP**. Em: 24 de agosto de 1999, dentro das atividades do NUPEBRAAF (Núcleo de Pesquisa Brasil-França). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142000000200014&script=sci_arttext>. Acesso em: 08 Setembro. 2017.

NEMER, Sylvia Regina Bastos. **A função intertextual no cinema de Glauber Rocha. Escola de Comunicação**, tese de doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

NOGUEIRA, Ângela Maciel. **Origem e Características da Literatura de Cordel**. Ariquemes, 2009. Artigo, Faculdades Integradas de Ariquemes – FIAR.

PEREGRINO, Umberto. **Literatura de Cordel em discussão**. Rio de Janeiro: Presença Edições, 1984.

RAPOSO, Thiago Acácio. **Nas Tramas dos Versos: A Construção do Herói João Pessoa na Literatura de Cordel Nordestina (1928-1931)**. Campina Grande, 2015. Monografia, Universidade Estadual da Paraíba - UEPB.